

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
INTERVENTIVA NA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO**

**INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O PROCESSO
AVALIATIVO**

OLIVIA LIMA GUERREIRO DE BRITO

FORTALEZA – CEARÁ

2004

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O PROCESSO AVALIATIVO

OLÍVIA LIMA GUERREIRO DE BRITO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA INTERVENTIVA NA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO, COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

**FORTALEZA – CEARÁ
2004**

Esta Monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em avaliação psicológica, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Olívia Lima Guerreiro de Brito

MONOGRAFIA APROVADA EM ____/____/____

Profa. Marisa Pascarelli Agrello

Orientadora

RESUMO

Este estudo apresenta o tema inteligência humana visualizando sua evolução histórica no campo científico, a atual concepção considerada em nossa sociedade contemporânea, além das implicações técnicas para o trabalho do psicólogo enquanto avaliador. Apresentamos também os dados que fundamentam as prováveis correlações entre inteligência e tipos de personalidade, associando habilidades humanas e caracterologia, assim como as mudanças que o recente conceito das inteligências múltiplas agregou às novas e ainda experimentais estratégias de avaliação psicológica para fins de identificação das competências pessoais e orientação para o desenvolvimento humano.

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I – A NATUREZA E O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA.....	
CAPÍTULO II – TIPOS DE INTELIGÊNCIA : AS SETE HABILIDADES DE HOWARD GARDNER	
CAPÍTULO III – INTELIGÊNCIA E ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL	
CAPÍTULO IV – INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E TIPOLOGIAS DE PERSONALIDADE.....	
CAPÍTULO V - O PROCESSO DE AVALIAÇÃO E AS INTELIGÊNCIAS	
CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	

INTRODUÇÃO

O conceito de inteligência passou por várias transformações, sendo ainda objeto de estudo da Psicologia com significativa relevância em nossa sociedade contemporânea. Neste estudo, verificamos sua concepção inicial, assim como sua evolução através das idéias principais de Piaget, Wallon, Vygotsky e Gardner com sua mais recente teoria das inteligências múltiplas.

A concepção sobre a natureza da inteligência humana e suas formas de interação entre o biológico e o social, repercutiram significativamente nas novas estratégias de avaliação e de educação formal, assim como no estilo e nas técnicas que o psicólogo dispõe para elaborar suas conclusões acerca das habilidades humanas.

Apresentamos, portanto, a estreita relação entre cada teoria e sua forma de atuação, especificamente no âmbito da avaliação psicológica. Este estudo pretende contextualizar as técnicas de avaliação psicológica e nortear esta prática pelos mais recentes conceitos, visto as inovações já discutidas e aceitas em Psicologia no campo científico, através de uma pesquisa e lógica conceitual sobre o tema.

A visão múltipla, processual e interacionista da inteligência é notadamente enfatizada neste trabalho, assim como esta nova e interessante forma de compreender o que é “ ser inteligente “ . A discussão sobre em que proporções as nossas heranças biológicas podem ou não sofrer modificações através de intervenção, treinamento ou demais formas de influência cultural ou social também são apresentadas, com as concepções psicológicas correlacionadas, sendo esta a tendência mais evidente em Psicologia atualmente.

Verificamos a diferença entre as teorias tradicionais e as contemporâneas, relatando as formas distintas em que o Psicólogo avaliador lida conforme estes paradigmas e ressaltamos as inovações mais aceitas em avaliação.

O conceito de inteligência enquanto potenciais biopsicológico é amplamente evidenciado, explorando as chamadas inteligências múltiplas e sua correlação entre tipos de personalidade.

Por fim, salientamos que a maneira científica de compreender e avaliar a inteligência, ou ainda, no conceito mais atualizado, as inteligências, tem se modificado e ampliado, trazendo novas possibilidades de descoberta e de estratégias de avaliação.

O próprio sentido e o papel do Psicólogo enquanto avaliador, dentro desta concepção denominada teoria das inteligências múltiplas, é apresentado como fundamental, enquanto norteador de prováveis escolhas – sejam pessoais ou profissionais, visto sua condição de desenvolver e aplicar técnicas que cooperem com o autoconhecimento e exercício do treino das competências individuais existentes em cada pessoa.

CAPÍTULO 1: A NATUREZA E O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA

1.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICO CULTURAL DO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA

Estudar sobre inteligência requer uma ampla investigação de diversos autores e uma visão histórica sobre a evolução deste conceito na esfera científica, suas implicações e repercussões em cada época, as quais certamente influenciam as práticas educacionais e profissionais contemporâneas.

Podemos começar verificando que o conceito de inteligência aparece pela primeira vez, considerando que o ser humano teria uma capacidade geral, considerada inata, quase não modificável em seu potencial genético, mas passível de investigação e de mensuração que possibilitaria fazer prognósticos quanto a sua performance educacional. O termo *inteligência* ou *inteligente* surgiu no meio científico como contribuição dos trabalhos de Herbert Spencer e Francis Galton, no século XIX (Butcher, 1972). As idéias destes estudiosos influenciaram seus contemporâneos na crença de uma capacidade intelectual geral, notadamente quase todos os psicólogos com formação em fisiologia.

Destacam se os estudos e pressupostos do psicólogo Alfred Binet, os quais consideraram a inteligência humana como aspecto genético e inato, assim como insensível ou não modificável por treinamento, já que o indivíduo, segundo este, nasceria com uma quantidade de inteligência mensurável. Como podemos constatar , “ *na tradição de Binet-Spearman, a inteligência é um traço do indivíduo isolado, que pode ser avaliado sozinho* “ (Gardner, 1995, p. 52).

A partir da segunda guerra mundial, o conceito e os estudos sobre inteligência avançaram, especialmente nos Estados Unidos, ampliando a noção de mutabilidade deste aspecto, ou seja, sua natureza progressiva, evolutiva e interativa com o meio no qual está inserida. Autores como Spencer e Galton, enfatizaram a função de uma capacidade geral dominante, mas não negaram a existência de capacidades intelectuais específicas (Butcher, 1972).

Na evolução desta concepção, vale salientar os estudos de Thurstone (1887-1955), que foi um dos psicólogos americanos que mais exerceu influência na análise das capacidades, tanto na metodologia de avaliação, quanto nos resultados obtidos. Deve-se a ele a introdução de fatores correlacionados, ou seja, capacidades intelectuais distintas, as quais ele denominou primárias.

Percebemos que, o paradigma da concepção unidimensional sobre a inteligência , segundo Gardner (1995), envolveria todos os teóricos oriundos dos pressupostos que geraram a prova de QI (quociente intelectual) ou capacidade geral de inteligência, no qual se considera apenas uma única dimensão intelectual. A insatisfação com os testes de QI foi crescendo historicamente, e os trabalhos de Thurstone, J.P. Guilford, dentre outros, avançaram nesta idéia pluralista de competências humanas múltiplas.

A ciência descobriu que cada ser humano possui um cérebro de réptil, outro de mamífero e só um terceiro cérebro, chamado neocortex, é tipicamente humano. Este último está dividido em duas metades. Um hemisfério lógico e racional (o esquerdo) e outro criativo e aberto à intuição (o direito). O esquerdo (QI ou inteligência intelectual) se baseia na memória e vê a vida como um processo lógico, sucessivo e analisável que se desenvolve linearmente ao longo do tempo. O hemisfério direito (QE ou inteligência emocional), elemento exclusivo de estudo deste trabalho, abriga a criatividade, a intuição, a percepção

direita sem necessidade de raciocínio, a vivência do aqui e agora, do eterno e de tudo aquilo que não pode ser descrito em palavras.

O advento de novos estudos no campo da Psicologia social e da sociologia, também foram importantes para uma outra mudança conceitual nesta área. Ao invés do conceito determinista e geneticamente hereditário, de uma maneira mais veemente, surgem os estudos de Piaget, psicólogo suíço, que introduziu a Psicologia genética como fator importante. O aspecto biológico, neste caso, continua sendo considerado, mas a interação do organismo e seu meio ambiente também exerceria uma grande influência no desenvolvimento da competência intelectual humana.

Cada vez mais, a inteligência passou a ser compreendida como atributo biológico que se desenvolve através de processos, nos quais ocorre uma ativa e contínua interação com o meio externo, que foi gradativamente sendo ampliada para as relações afetivas, segundo Wallon, e contextuais, segundo Vygotsky.

Atualmente, pode-se afirmar que há “ *quatro teorias principais sobre a natureza e o desenvolvimento da cognição. A mais abrangente, é a do grande psicólogo suíço Jean Piaget. As outras são abordagens do processamento da informação, neopiagetiana e contextual* “ (Flavell, 1999).

Estariamos, portanto, evoluindo de um paradigma reducionista e individualista, para uma concepção mais aberta, interacionista e desenvolvimentista da inteligência humana, onde mais recentemente, os estudos sobre as chamadas inteligências múltiplas de Gardner, enfatizam este aspecto pluralista e compreensivo da diversidade das competências humanas. Sua teoria considera o biológico, mas não elimina o social.

“ *É uma visão pluralista da mente, reconhecendo muitas facetas diferentes e separadas da cognição, reconhecendo que as pessoas tem formas cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes* “ (Gardner, 1995). Assim, as idéias atuais mais comumente aceitas, consideram que : Há uma herança biológica importante e reveladora dos recursos que cada ser humano tem, dentro de suas competências pessoais de inteligência e que a inteligência se desenvolve processualmente em estágios gradativamente mais complexos.

1.2. INTELIGÊNCIA E COGNIÇÃO SEGUNDO PIAGET

A influência das idéias de Piaget na compreensão do desenvolvimento cognitivo do homem são indiscutíveis. Evans (1980) nos apresenta os principais fundamentos do que ele denomina de epistemologia genética, demonstrando que esta de detém à “ *formação e significado do conhecimento e dos meios pelos quais a mente humana se desenvolve desde um baixo nível de conhecimento até o que é considerado mais alto* “. As conclusões de Piaget foram fruto de observações e registro detalhado do comportamento infantil, tendo ele discriminado o processo cognitivo humano em etapas, as quais denominou de sensório-motor (estágio em que o bebê está formando representações simples) , pré-operatório (onde a criança elabora representações simbólicas simples de causa e efeito), operatório concreto (estágio em que a criança normalmente vive entre os sete e onze anos, envolvendo representações mentais mais complexas, como reverter mentalmente um evento do mundo real) e operatório formal (a partir dos quinze anos, envolveria o pensamento abstrato, científico e lógico também encontrado na fase adulta).

A concepção Piagetiana enfatiza as condições biológicas do ser humano que se desenvolve interagindo com o meio, em estágios gradativos, possibilitando assim um nível cognitivo cada vez mais complexo. Não é contudo, uma simples

influência do meio sobre o organismo, mas antes, uma interação ativa da criança com o ambiente onde está inserida. Segundo Flavell (1999), vemos que

“ Piaget via a cognição humana como uma forma específica de adaptação biológica de um organismo complexo a um ambiente complexo. O sistema cognitivo que ele idealizou é, entretanto, extremamente ativo, pois seleciona e interpreta ativamente a informação ambiental à medida que constrói seu próprio conhecimento “ (p. 11).

Este processo de interação ativo entre o biológico e o ambiental acontece através de dois aspectos indissociáveis da mesma adaptação básica do ser humano em seu desenvolvimento cognitivo denominados por Piaget de assimilação e adaptação. Estes, portanto, seriam dois movimentos constantes e interdependentes. A assimilação compreende o processo de adaptar os estímulos externos às estruturas mentais internas, enquanto a acomodação envolve ajustar o conhecimento já existente às características especiais de um objeto ou evento.

A educação pela inteligência neste modelo implicaria na exposição da criança a problemas de forma gradual e cada vez mais complexa, criando possibilidades de novas respostas. A interação do indivíduo com o ambiente em novas situações e problemas lhe possibilitaria um desenvolvimento gradual, conforme Flavell (1999) e Lima (1980).

Uma mudança importante de paradigma nos apresenta Piaget em seus pressupostos, quando demonstra que o conhecimento humano não se constrói apenas pela percepção, mas também, pelo movimento, ou seja, no fazer e agir concreto como nos apresenta Kesselring (1993).

Deste modo, Piaget traz em sua influência teórica a idéia de que “ *a inteligência não é inata, dependendo da riqueza de estimulação do meio* “ (Lima, 1980, p. 26).

1.3. CONCEITUAÇÃO DE INTELIGENCIA SEGUNDO WALLON

Para Henri Wallon, a inteligência não é simplesmente um quociente geral que representa a capacidade intelectual de alguém. Alguns pressupostos são fundamentais para compreender a sua concepção de inteligência, que possui influencias das idéias de Piaget e Freud. Embora ambos, Piaget e Wallon compreendam a inteligência como aspecto humano que se desenvolve em estágios, “ *Wallon pretendia realizar uma psicogênese da pessoa e Piaget uma psicogênese da inteligência*” (Galvão, 2000, p. 36).

Em primeiro lugar, é preciso considerar o princípio da visão integral do ser humano, visto que “ *podemos definir o projeto teórico de Wallon como a elaboração de uma psicogênese da pessoa completa* “ (Galvão, 2000, p. 32). As influencias genéticas, psíquicas e sociais são amplamente consideradas, tendo ele acompanhado as evoluções da neurologia de sua época e incorporado a idéia de plasticidade do sistema nervoso. Os fatores orgânicos vão cedendo gradativamente o espaço de determinação ao social, ou seja “ *as funções psíquicas podem prosseguir num permanente processo de especialização e sofisticação, mesmo que do ponto de vista estritamente orgânico já tenham atingido a maturação* “ (Galvão, 2000, p. 41).

Neste sentido da psicogenética walloniana, o desenvolvimento da inteligência, que além de ser cognitiva também é afetiva, ocorre pela passagem do indivíduo por estágios nos quais acontece não somente uma ampliação, mas uma reformulação.

O ritmo de passagem dos estágios não é linear, mas antes, “ o desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos “ (Galvão, 2000, p. 42). As fases vão se seguindo na medida em que acontece uma construção progressiva, onde a predominância cognitiva e afetiva se alternam. Esta alternância de funções estaria correlacionada à necessidade de cada fase específica, numa permanente dinâmica de integração e diferenciação. O estágio posterior incorpora as conquistas realizadas na fase anterior cooperando na construção do eu.

A proposta de Wallon para a compreensão das emoções no desenvolvimento da pessoa e de sua inteligência parte do paradigma da análise genética, ou seja, Galvão (2000) destaca este modelo ao chamar a atenção para que

“ contrariando a visão das teorias clássicas, defende que as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do sistema nervoso central. O fato de contarem com centros próprios de comando Situados na região subcortical, indica que possuem Uma utilidade; caso fossem desnecessárias não mais Teriam centros nervosos responsáveis pela sua regulação “ (p. 59).

E na sua obra que encontramos uma visão do homem onde o desenvolvimento é compreendido como processo no qual estão inseridos os diversos campos funcionais, ou seja, afetividade, motricidade e inteligência. Sua visão traz como fundamento a perspectiva genética e a análise comparativa. As ciências e seus diferentes enfoques, especialmente a neurologia, psicopatologia, antropologia e a psicologia animal, foram amplamente consideradas nas investigações e conceitos de Wallon, delineando uma abordagem teórica mais

abrangente que a de Piaget. Todo o processo de desenvolvimento levaria o ser humano a um alargamento gradativo do individualismo para a socialização, ou seja, “ *de uma consciência estritamente individual (egocêntrica) a uma consciência social, aberta á representação do outro e capaz de relações de reciprocidade* “ (Galvão, 2000).

1.4. VYGOTSKY- DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM - CONCEITO DE INTELIGENCIA.

O que chama atenção na teoria de Vigotsky é que ela não é uma teoria de desenvolvimento genético, como são as teorias de Piaget e Wallon. Não se trata de um estudo detalhado sobre as etapas do desenvolvimento humano, mas apenas parte de reflexões e dados de pesquisa sobre o que determina esse desenvolvimento. Antes de mais nada, Vygotsky acredita no crescimento intelectual através das relações humanas. Acredita que as espécies evoluem através dessas relações, e através disso o homem toma consciência do seu potencial. Além da maturação do organismo, temos o desatar de processos psicológicos internos que contribuem para o desenvolvimento.

Dentro desta concepção, o contexto social no qual o ser humano está inserido é de importância fundamental no desenvolvimento da inteligência, pois “ *a criança no contexto social é uma unidade de estudo irreduzível. Embora existam muitas versões de contextualismo, o que elas têm em comum é a crença de que os domínios social e cognitivo estão inextricavelmente ligados. O pensamento é sempre social, em um certo sentido* “ (.Flavell, 1999, p. 20).

O desenvolvimento só se propicia, segundo Vygotsky, com a intervenção de terceiros. Tomando como exemplo a linguagem escrita, vemos que tal processo ocorre nas relações quando um ensina a outro a linguagem.

Isso Vygotsky denominou ensino-aprendizagem, termo muito usado hoje no meio educacional. Através dessa interação temos o desenvolvimento, calcado nas experiências de interação social. Como mensurar o papel do outro no contexto de desenvolvimento? Vygotsky elaborou outro conceito que designou zona de conhecimento proximal. Há uma capacidade em potencial de todo ser humano de aprender determinadas tarefas. Tomemos como exemplo um bebe; não adiantaria nada alguém tentar ensinar um bebe amarrar os cadarços do sapato. Uma criança de seis anos, no entanto, acha-se capacitada para tanto. Vendo a capacidade real- uma criança que amarra os próprios cadarços—e a capacidade potencial—a aptidão da criança de aprender-- é que se mensura na zona de desenvolvimento proximal, que é a forma de mensurar através de atividades o desenvolvimento da criança de acordo com sua aptidão.

Portanto, a zona de desenvolvimento proximal “ *é a área onde a criança está agora, em termos cognitivos, e onde ela poderia chegar sendo ajudada. Um adulto ou par mais avançado pode guiar a criança nesta zona*” (Flavell, 1999, p. 21). Para Vygotsky, o professor deve ser alguém que facilite esse processo de aprendizagem, através de sua comunicação e boa vontade. Não se trata de defender uma escola tradicional e manipuladora, mas uma aprendizagem que se estabelece a partir das relações humanas.

Segundo Flavell(1999) as teorias de Vygotsky são contextuais, pois dizem claramente que a aprendizagem se origina fundamentalmente do contexto sócio- cultural em que a criança se insere e de suas inter-relações. O momento sócio- cultural seria importante para a formação da criança no aspecto em que cada cultura se difere de outra, e se diferencia uma da outra pelas habilidades que proporciona e pelos valores que propala.

Existem sociedades mais castradoras, que tem como regra absoluta a autoridade, existem sociedades mais liberais e isso ocasiona diferentes padrões de educação. Outra coisa importante é a inter-relação que uma criança pode estabelecer ao longo da infância. Um momento de interatividade com os pais pode ser profundamente relevante para a aprendizagem de uma certa atividade. Os pais e as relações sociais são como diz Flavell (1999), estímulos cognitivos para essas crianças, estimulando a sua criatividade e solução de problemas. Ressaltando o conceito de zona de desenvolvimento proximal, segundo Flavell (1999), é a diferença entre o desenvolvimento da criança hoje, e o que caracteriza em que a criança precisa ser ajudada.

No contexto social, a criança pode aprender desde a linguagem como algo mais complexo até assimilar modos simples de resolver problemas. Numa sociedade onde existem tecnologias como o computador, a criança pode usar esses métodos de informação e colher aspectos da cultura local, o que difere da educação indígena, por exemplo, em que a linguagem e o artesanato manuais são mais importantes. Essas diferenças culturais devem ser analisadas de um prisma e de uma ótica fundamentalmente educacional, ressaltando que não existem culturas superiores, mas apenas diferentes.

Na teoria de Vygotsky, não há contestação do que o meio pode oferecer, mas sim o que o meio pode providenciar. Também é curioso saber em que classificação estaria o conhecimento inato, ou aquilo que se pode desenvolver através da intuição, uma descoberta solitária. Sabemos que Vygotsky acreditava na inter-relação como a que molda o cognitivo, que molda o intelecto, sem a preocupação de fazer uma teoria geneticista do desenvolvimento humano.

1.5. GARDNER E A TEORIA DE INTELIGENCIAS MULTIPLAS

A teoria de inteligências múltiplas surgiu com o esforço de Gardner (1995) de elaborar uma visão mais abrangente e variada da cognição, valorizando definições de habilidades diferenciadas ao invés dos testes de QI, e das teorias de Piaget, que, segundo o autor, só valorizam uma parte dessas habilidades. A teoria de Piaget, muito aferrada a sistemas lógico- matemáticos desvaloriza outras áreas importantes como a inteligência verbal e a lingüística, que o autor diz ser inviabilizada pelos testes de QI, que exige respostas curtas e rápidas a questões complexas. Sua teoria nasceu de uma tentativa de focalizar a inteligência também não só no seu aspecto de cognição, mas também o seu aspecto emocional, o que reorganiza os padrões de como a inteligência se desenvolve e se constrói.

Sua forma de repensar a inteligência nos remete as suas relações complexas, como o relacionamento entre inteligência e pensamento crítico, o relacionamento entre inteligência e talento artístico, a possibilidade de inteligências adicionais, assim como a distinção de níveis e manifestações da inteligência, como talento, criatividade, prodigiosidade, perícia e gênio, segundo Gardner ,(1995). Seu conceito de inteligência considera que,

*“ A inteligência é um potencial biopsicológico.
Isto é, todos os membros da espécie tem o
Potencial de exercitar um conjunto de faculdades
Intelectuais, do qual a espécie é capaz “ (p. 38).*

Desde a publicação de Estruturas da Mente, tem havido renovado interesse pela teoria de Gardner pelo público leigo, em grande parte empresários e donos de instituições educacionais que vêem na sua teoria um modo de revolucionar os critérios de desenvolvimento das inteligências, bem como critérios

de avaliação pedagógica, mudando assim o funcionamento das escolas. Muitas escolas usam oficinas, que são estudos dirigidos para desenvolver respectivas inteligências e talentos pessoais, embora Gardner não tenha se engajado pessoalmente em nenhum desses projetos, mas apenas os incentivava de longe. Apesar de sua tentativa ser mal entendida no meio acadêmico, podemos encarar a teoria das inteligências múltiplas como um projeto corajoso de se entender novas perspectivas sobre o assunto, uma vez que a concepção psicológica se tornou tão criteriosamente aceita que ninguém parecia querer remodelá-la.

A visão da inteligência como algo diferenciado e múltiplo abre a perspectiva não só no sentido educacional; mas no lado psicológico- acadêmico nos oferece não só uma conceituação da inteligência e forma de medi-la, mas uma compreensão da natureza da inteligência e como ela se desenvolve (Gardner, 1995)

“ Eu imagino que cada uma das inteligências possui seus processos psicológicos concomitantes e, assim, é perfeitamente adequado falar sobre processamento lingüístico ou interpessoal “ (p.38)

Sua visão nos convida a ver a inteligência antes estática e numérica como dinâmica e relacional, relacionando a inteligência com respectivo ambiente em que ela se inseriu, sua estrutura emocional e os meios e recursos a sua disposição. Podemos pensar desde o incentivo do meio a questões ambientais a questões emocionais, e isso, não obstante o sucesso no mundo leigo, e grande contribuição para a compreensão da inteligência em nossos dias. Veremos, além da proposta da teoria geral, os diferentes níveis de inteligência e diferenciação de habilidades na complexidade da teoria de Gardner, no decorrer do trabalho.

CAPÍTULO II - TIPOS DE INTELIGENCIA: AS SETE HABILIDADES DE GARDNER

Para abordar a questão da inteligência de forma mais autêntica devemos perguntar primeiro o que é inteligência. A teoria das inteligências múltiplas serve um caminho mais detalhado e pluralista para explicar inteligência do que os tradicionais testes de QI, que valorizam demasiadamente a lingüística e o pensamento lógico- matemático do que as outras áreas da inteligências. Algo como a inteligência musical, por exemplo, fica fora das atividades de QI, assim também como a inteligência interpessoal e cinestésica.

Uma das críticas de Gardner (1995) a Piaget é que ele estava compondo a explicação apenas para um tipo de inteligência, a lógico- matemática. Muitas críticas surgiram ao longo das épocas aos determinados testes de QI, e alguns até se sofisticaram. Mas Gardner sentiu a necessidade não só de criticar os testes de QI, mas de elaborar um novo conceito de inteligência. Baseando-se na experiência da ciência cognitiva (estudo da mente) e ciência biológica (estudo do cérebro) assim como vários estudos mostrando a correlação entre inteligências associadas, Gardner (1995) estratificou a inteligência em vários tipos, os quais resultaram em sete tipos de inteligências específicas.

Para identificar uma inteligência, discriminou capacidades específicas inerentes a esta, como por exemplo na inteligência musical observamos a sensibilidade para determinar relações, enquanto na lingüística, observamos a sensibilidade aos aspectos fonológicos. Os indivíduos normais as inteligências funcionam associadamente, menos os anormais. Colocaremos a disposição do leitor cada inteligência e o que a caracteriza.

2.1. INTELIGENCIA MUSICAL

A inteligência que Mozart tinha em demasia. Caracteriza-se como uma sensibilidade especial a sons, como a criação da combinação de sons. Alguns acham que essa inteligência musical está vinculada a outras inteligências. Outros projetos de pesquisa que mostram crianças autistas tocando com desenvoltura um instrumento mostram a independência da inteligência musical. Segundo estudos, esta habilidade está localizada no cérebro direito, embora não num lugar tão específico quanto a lingüística.

A inteligência musical sempre teve ao longo das décadas uma importância de harmonização interna e externa, uma função terapêutica cada vez mais solicitada. A música tem o dom de regular humores, relaxar, criar um estado de espírito interno específico. A importância da música é empiricamente comprovada, e como tal, argumenta Gardner (1995), merece consideração como uma das competências humanas mais importantes.

2.2. INTELIGENCIA CORPORAL- CINESTESICA

A inteligência corporal- cinestésica caracteriza-se como o uso dos movimentos do corpo de forma adequada, capacidade utilizada na dança e nos esportes. Essa inteligência não é um solucionador de problemas, como acontece na lingüística e na matemática, mas depende, como essas inteligências, de dispositivos cognitivos para funcionar. A utilização do corpo adequadamente poderia significar nossa primeira evolução em relação às espécies, e penso eu, pessoalmente, que está ligada a desenvoltura interpessoal. Como as outras, esta é uma capacidade que já denotou talentos excepcionais, como a do bailarino Mikail Barishnikov, até o grande jogador brasileiro Pelé. Como salienta Antunes (1998), “*é a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos (danças,*

movimentos atléticos, gols de bicicleta ou chaleira) utilizando o corpo inteiro ou parte do mesmo “ (p. 22).

2.3. INTELIGENCIA LOGICO- MATEMATICA

A inteligência lógico- matemática chamada também de pensamento científico ,ou capacidade de dar varias respostas e alternativas a um mesmo problema deriva da lógica numérica e é uma inteligência não verbal. A capacidade intuitiva desse tipo de inteligência é muito desenvolvida, podendo, até algumas vezes ver a resposta até mesmo antes de ver ou observar o problema. Tal intuição se vê em cientistas como Einstein e Newton. Muitas vezes a solução de determinado problema está além da compreensão. Essa inteligência , como as outras, também tem dados empíricos e foi amplamente estudada pelo psicólogo Jean Piaget.

2.4. INTELIGENCIA LINGUISTICA

A inteligência lingüística se caracteriza pela capacidade de correlacionar palavras entre si e palavras a símbolos. Segundo estudos de Gardner (1995) a inteligência lingüística se liga a uma área especifica do cérebro chamada Centro de Broca, a qual é responsável pela formulação de sentenças gramaticais. A linguagem tem uma importância universal e é amplamente utilizada por filósofos, escritores, verdadeiros estetas da palavra.

2.5. INTELIGENCIA ESPACIAL

A inteligência espacial caracteriza-se pela utilização correta e percepção do espaço e é usada por navegadores, jogadores de xadrez e artistas plásticas, e todos aqueles comprometidos com o visual. Segundo as pesquisas de Gardner

(1995), o hemisfério esquerdo é provavelmente o responsável pela inteligência espacial, e um dano nesta área pode significar dificuldade de se mobilizar no espaço ou dificuldade de gravar rostos ou cenas, e de observar pequenos detalhes. Não existem muitas crianças prodígios nesta área, mas idiotas sábios, como a autista Nadia, que desenha com uma acuidade visual impressionante.

2.6. INTELIGENCIA INTERPESSOAL

A inteligência interpessoal nasce da necessidade de se relacionar socialmente, da necessidade de compreender e reagir adequadamente ao outro. Essa capacidade é ampla em políticos, líderes religiosos, professores, terapeutas e pais bem-sucedidos, segundo Gardner (1995). Pode-se dizer que a inteligência interpessoal envolve nossa competência relacional, como nos afirma Antunes (1997)

“ a inteligência interpessoal é a maneira como construímos nossas relações com outras pessoas e a forma como nos sentimos completados quando em relação a essas pessoas. Existem algumas pessoas que são excelentes, mas não aceitam muito a vida em grupo... são pessoas que não vivem o mundo para fora, preferindo cultivar o mundo interior. Essas pessoas possuem uma inteligência interpessoal Pouco desenvolvida “ (p. 33).

Os lobos frontais são as áreas responsáveis pelo bom desenvolvimento interpessoal, podendo um dano nesta área causar transtornos de personalidade. A inteligência interpessoal não se relaciona com a lingüística e está ligada a função de viver em sociedade e se agrupar.

2.7. INTELIGENCIA INTRAPESSOAL

A inteligência intrapessoal vem da capacidade de compreender a si mesmo e sua própria gama de emoções, discriminando-as e compreendendo suas reações. Pessoas com dificuldade nessa área- por exemplo, os autistas,- são incapazes de se referir a si mesmas, a compreender suas próprias atitudes. Os lobos frontais e acima estão ligadas a esta inteligência, que funciona junto com a lingüística. Competências relacionadas com a vida interior, no que diz respeito ao reconhecimento das próprias emoções, são características desta habilidade, visto que ela é “ *a inteligência da autoestima, autorespeito e, por analogia, autoaceitação* “ (Antunes, 1997).

Goleman (1996) destaca a autoconsciência como uma das competências da denominada inteligência intrapsíquica, ou seja, a capacidade de observar e refletir a própria experiência, inclusive as emoções. A autoconsciência possibilitaria uma auto-observação neutra, de natureza imparcial, mesmo no contexto de emoções turbulentas, ou ainda, uma atenção não reativa e não julgadora de estados interiores.

Portanto, verificamos que a partir do desenvolvimento da teoria das inteligências múltiplas, diversos autores avançaram em seus estudos e conceitos acerca dos diversos tipos de habilidades, dentre eles, Daniel Goleman. Este autor se deteve de forma mais centrada nos pressupostos e na compreensão da dinâmica de uma inteligência específica : a inteligência emocional. Sua contribuição mais significativa se apresenta na descrição de competências pessoais específicas e sua importância nas diversas áreas do conhecimento humano, assim como nas relações de trabalho. Há uma associação teórica entre os dois autores, pois Gardner e Goleman são concordantes quanto à idéia de que a inteligência é um potencial biopsicológico.

Os estudos de Goleman desenvolveram especial atenção às influências destes conceitos no âmbito da atuação humana no trabalho. Isto nos faz pensar que o papel do psicólogo neste novo contexto conceitual, não somente como avaliador, mas também como agente de intervenção e orientação, ainda está em processo de plena definição. Pois, como poderíamos desenvolver estratégias educacionais de ampla escala, que possibilitassem às futuras gerações um nível diferenciado de autoconhecimento e de preparo para a vida social e emocional ?

A teoria das inteligências múltiplas, embora amplamente aceita e divulgada em todo o mundo, ainda está muito distante dos nossos consultórios e das nossas escolas.

CAPÍTULO III - INTELIGÊNCIA E A ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL:

3.1. INTELIGÊNCIA E ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL

Emoção pode ser concebida como qualquer agitação ou perturbação da mente, sentimento, paixão; qualquer estado mental veemente ou excitado, que emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológico e biológicos, e a uma soma de tendências para agir. Há uma centena de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes. Esta concepção das emoções como propulsoras do comportamento humano está expressa nas idéias de Goleman (1996), quando afirma

“ Todos as emoções são, em essência, impulsos para agir, planos instantâneos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu. A própria raiz da palavra emoção é movere , “ mover ” em latim, mais o prefixo ” e”, denotar “afastar-se”, indicando que uma tendência a agir está implícita em toda emoção “ (p. 20).

A concepção de que a emoção é inteligente e que podemos treina-la, adequando-a melhor às nossas necessidades cotidianas, foi defendida claramente por Gardner (1996). Ele chegou mesmo a ponderar que a inteligência intrapessoal estaria entre as mais importantes habilidades pessoais, pois sem ela, não seríamos capazes de fazer escolhas corretas. Desta forma, ele chama a atenção para a necessidade de treinarmos nossas crianças nas escolas.

Augusto Cury (2001) também apresenta seu pensamento sobre a relevância do treinamento emocional além das fronteiras do ambiente formal escolar, defendendo a idéia de que o relacionamento pais e filhos é um espaço extremamente facilitador deste processo, especialmente quando os adultos compartilham com as crianças seus momentos de hesitação, erros, conquistas, dentre outros. A concepção dos pais enquanto mentores das emoções de seus filhos, é expressa na crença de que

“ Bons pais preparam seus filhos para receber aplausos, pais brilhantes os preparam para enfrentar suas derrotas. Bons pais educam a inteligência lógica dos filhos, pais brilhantes educam a sensibilidade “ . (Cury, 2003, p. 38).

Este autor chega a propor sugestões a serem incorporadas na educação das emoções, sendo um princípio claro a forma mais interativa de participação dos alunos em sala de aula, a forma dialogada de exposição dos temas, a abordagem de contar histórias, a reconstrução do rosto (contexto emocional) do conhecimento, elogios e resgate da autoestima dos alunos, tornar o mundo dos professores mais acessível e compartilhado, ensinar técnicas de treinamento específico da emoção e gerenciamento do pensamento.

Antunes (1997) considera que o treinamento das competências pessoais é um princípio válido, demonstrando que

“ você pode aprimorar sua inteligência intrapessoal, praticando certos procedimentos. Tal como acontece com sua memória, seu Peso ou outro referencial qualquer a melhora Não será infinita e nem a mesma para todas

As pessoas, mas seguramente ocorrerá uma
Melhora sempre mais expressiva “ (p. 32).

É importante verificar que os estudos acerca do cérebro emocional localizaram o papel de determinadas áreas como dispositivos desencadeadores ou amortecedores dos processos neurológicos envolvidos nas emoções, como poderemos averiguar nestas considerações de Goleman (1996):

- AMÍGDALA: Muitas vezes age como disparador de emergência, preparando uma reação ansiosa e impulsiva;
- CORTEX PRÉ-FRONTAL: Faz parte de um circuito neural que pode desligar ou pelo menos amortecer quase todos os impulsos negativos mais fortes das emoções;

A interação entre estes componentes cerebrais possibilita o equilíbrio entre a inteligência racional e a emocional , ou seja, " *as ligações entre a amígdala (e estruturas límbicas relacionadas) e o neocórtex são o centro das batalhas ou tratados de cooperação entre cabeça e o coração, o pensamento e o sentimento. Estes circuitos explicam porque a emoção é tão crucial para o pensamento efetivo, tanto no tomar decisões sensatas quanto simplesmente permitindo pensar com clareza* " (Goleman, 1996, p. 32).

Assim sendo, a harmonia entre razão e coração, sentimento e pensamento, explica-se também pela dinâmica neurológica , tendo estas pesquisas chegado à conclusão de que " *temos dois cérebros, duas mentes - e dois tipos diferentes de inteligência : racional e emocional. Nosso desempenho na vida é determinado pelas duas - não é apenas o QI, mas a inteligência emocional que conta* " .

Portanto, o que Augusto Cury (2001) propõe com o gerenciamento dos pensamentos é um treino que visa equilibrar a tensão muitas vezes existente entre o pensar e o sentir. O treino envolveria a aplicação de algumas técnicas que se tornariam hábitos, norteando melhor os nossos sentimentos acerca de nossa própria história.

Os pesquisadores continuam a discutir sobre precisamente quais emoções podem ser consideradas primárias – o azul, vermelho e amarelo dos sentimentos dos quais saem as misturas – ou mesmo se existem de fato essas emoções primárias. Alguns teóricos propõem famílias básicas que caracterizam as emoções:

- **Ira:** fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e, talvez no extremo, ódio e violência patológicos.
- **Tristeza:** sofrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão.
- **Medo:** ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, inquietação, pavor, susto, terror; e, como psicopatologia, fobia e pânico.
- **Prazer:** felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sexual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase e, no extremo, mania.
- **Amor:** aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape.

- **Surpresa:** choque, espanto, pasmo, maravilha.
- **Vergonha:** culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

Claro, esta lista não resolve toda a questão de como caracterizar a emoção. Por exemplo, que dizer de combinações como o ciúme, uma variante da ira que também funde tristeza e medo? E das virtudes como esperança de fé, coragem e perdão, certeza e equanimidade? Ou alguns dos vícios clássicos, sentimentos como dúvida, complacência, preguiça e torpor – ou tédio? Não há respostas claras; continua o debate científico sobre como classificar as emoções.

As citadas inteligências intra e interpessoal já apresentadas são elementos-chave na competência para lidar com as emoções dos outros e de si mesmo, compreender e aperfeiçoar relacionamentos, adaptar-se a diferentes situações e ambientes, assim como a possibilidade de conviver bem com as tensões presentes no atual mundo de constantes transformações. O que os atuais estudiosos já admitem é a correlação estreita entre a inteligência cognitiva e a pessoal (emocional), visto que as emoções podem conter o fluxo normal do raciocínio ou favorecê-lo. A teoria das inteligências múltiplas baseia-se no estudo da ciência cognitiva (estudo da mente) e a neurociência (o estudo do cérebro) e considera importantes as ligações cerebrais entre as áreas que são responsáveis pela razão e a emoção.

Assim sendo, podemos considerar que inteligência emocional é " a capacidade de sentir, entender e aplicar eficazmente o poder e a perspicácia das emoções como uma fonte de energia, informação, conexão e influência humanas " (Cooper,1977).

3.2. A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O CAMPO PROFISSIONAL

• O CONTEXTO MUNDIAL E AS ORGANIZAÇÕES :

O cenário mundial atual movimenta-se sobre os paradigmas da chamada globalização, suas conseqüências e intercâmbio cada vez maior entre as diferentes culturas, a rapidez da informação dos mais eficientes meios de comunicação e a tecnologia mais acessível e sofisticada. A velocidade da era digital gerou mudanças comportamentais significativas em todo o planeta, alterando estilos de vida, valores, aspirações e percepções humanas. Mudanças ocorreram nas relações de trabalho, no significado e na oferta do emprego, na administração das organizações.

O advento da qualidade total trouxe às empresas foco no cliente, sua satisfação e no comportamento e perspectivas de mercado. O mundo empresarial deparou-se com a competição mais acirrada. O diferencial do sucesso empresarial passou a ser o seu relacionamento com o cliente, sua criatividade para inovar soluções, sua competência para ler o mercado e mudar com rapidez, sua versatilidade, sua imagem, sua identidade.

O perfil dos empregados mudou... também era preciso encontrar pessoas automotivadas, dinâmicas, criativas e, especialmente, inteligentes no relacionamento com o cliente, o mercado, a concorrência. Com uma realidade cada vez menos estável e imprevisível, subiu a cotação dos visionários, os que tem sentido aguçado de oportunidades, os negociadores, os intuitivos, os pró-ativos e que sabem comunicar-se.

Os líderes mudaram a sua postura. Aqueles adequados à era industrial, eminentemente técnicos, executores, autocráticos tiveram que se adaptar a um novo estilo ou serem substituídos. O ambiente empresarial transformou-se. Os níveis hierárquicos diminuíram e o trabalho passou a ser realizado em grupos ou células. As empresas desenvolveram parcerias e uma palavra se tornou chave : o relacionamento.

Como nos enfatiza Cooper (1997), *“O estilo atual de trabalho cada vez mais aberto, fluido e em constante transformação premia uma combinação de intelecto e QE, especialmente quando se trata de confiar em outras pessoas e colaborar com elas para resolver problemas e aproveitar oportunidades. Um estudo com pessoas de desempenho brilhante no Bell Labs, um celeiro do pensamento científico situado perto da Universidade de Princeton, avaliou engenheiros e cientistas todos classificados com graus próximos do máximo nos testes acadêmicos de QI. O que se destacou entre as estrelas desse grupo e os outros competidores não foi o QI, mas outros aspectos da inteligência, incluindo o QE. Os de QE mais alto foram mais capazes de se motivar e tomar a iniciativa – assumindo responsabilidades acima e além do estabelecido para suas funções – especialmente em tempos de crise e mudanças. Estabeleceram relacionamentos de alta confiabilidade por toda a organização e foram mais capazes de tirar completa e imediata vantagem de equipes e redes informais e altamente adaptáveis para criar inovações revolucionárias”* (p.20).

3.3. LIDERANÇA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Nos paradigmas de antes, os líderes tinham que saber muito e serem focados na execução da tarefa. Hoje, os líderes são gestores de relacionamentos humanos, transformadores, condutores de mudanças, estimuladores da criatividade de sua equipe. Neste sentido, habilidades relacionadas à capacidade

para estabelecer empatia, lidar com a tensão, administrar conflitos e perspicácia interpessoal passaram a ser fundamentais. Segundo Daniel Goleman, em suas pesquisas sobre executivos, a inteligência emocional passa a ser cada vez mais importante à medida que se galgam os níveis hierárquicos da empresa, onde as diferenças de conhecimento técnico são desprezíveis. Quando comparados executivos de nível médio, em altas posições de liderança, cerca de 90% da diferença de seu perfil era decorrente de fatores relacionados com a inteligência emocional, e não com habilidades cognitivas.

Neste contexto, é interessante também considerar os estudos de outro Psicólogo sobre o tema, Daniel Goleman (1996), que classificou todos os tipos de habilidades humanas em três categorias : As puramente técnicas, como contabilidade ou planejamento empresarial; as cognitivas, como raciocínio lógico; e as que demonstrassem inteligência emocional, como a capacidade de trabalhar com outras pessoas ou liderar processos de mudança. Em suas considerações, ele salienta especialmente a importância da inteligência emocional no trabalho, agravando-se a sua influência no desempenho humano na medida em que o profissional lidera terceiros e tem posição elevada no nível hierárquico.

Segundo os mesmos estudos de Goleman (1996) , os líderes atuais devem possuir as seguintes habilidades emocionais:

Autoconhecimento: Ter autopercepção, ou seja, conhecer a fundo seus pontos fortes e fracos, ser consciente de suas emoções, necessidades e impulsos.

Autocontrole: É a capacidade de administrar suas emoções, que não podem ser eliminadas, mas canalizadas adequadamente através do exercício do diálogo interior;

Automotivação: As pessoas com potencial para liderar demonstram uma paixão pelo trabalho, um desejo permanente de superar seus limites e os dos outros, de alcançar um objetivo, de estar permanentemente aprendendo;

Empatia : Significa a capacidade para levar em consideração seriamente os sentimentos dos outros em seus processos de tomada de decisão;

Sociabilidade: Compreende a habilidade para relacionar-se com outras pessoas, trabalhar em equipe, lidar com interesses diversificados, adequar-se a novos ambientes, pessoas ou situações.

Assim sendo, a convergência de opiniões nesta área parece nos levar para a compreensão da liderança como uma habilidade, ou seja, uma como um aspecto tanto inato quanto passível de aprendizagem. A correlação entre a liderança e a inteligência emocional tem despontado em diversos estudos recentes. Segundo Cooper (1997), “ *Estudos revelaram também que o QE (coeficiente emocional) é “energia ativadora” essencial para os valores éticos – tais como confiabilidade, integridade, empatia, capacidade de recuperação e credibilidade – e para o capital social, que compreende sua habilidade para estabelecer e manter confiáveis e proveitosos os relacionamentos de negócios. No centro dessas características está algo que todo grande líder deve possuir: a capacidade de provocar entusiasmo*” (p.19).

3.4. AS EMOÇÕES SÃO INTELIGENTES

Pesquisas sistemáticas concluíram que a inteligência das emoções é ao mesmo tempo diferente das aptidões acadêmicas e parte chave do que faz as

peessoas se saírem bem nos aspectos práticos da vida. Compreende-se então que a inteligência das emoções é uma inteligência prática.

Alguns psicólogos, entre eles Sternberg e Salovey, elaboraram uma visão ainda mais ampla de inteligência, expandindo as habilidades pessoais de Gardner em cinco domínios principais (Gardner, 1996):

Conhecer a própria emoção: Autoconsciência – reconhecer um sentimento quando ele ocorre – é a pedra fundamental da inteligência emocional.. As pessoas de maior certeza sobre o próprio sentimento são melhores pilotos de suas vidas, tendo um sentido mais preciso de como se sentem em relação a decisões pessoais , sabem fazer melhores escolhas, possuem autoconhecimento.

Lidar com emoções: Lidar com sentimentos para que sejam apropriados é uma aptidão que se desenvolve na autoconsciência.

Motivar-se: Pôr as emoções a serviço de uma meta é essencial para prestar atenção, para automotivação e a maestria, e para a criatividade. O autocontrole emocional --- adiar a satisfação e reprimir a impulsividade --- está por trás de todo tipo de realização. E a capacidade de entrar em estado de fluxo possibilita excepcional desempenho. As pessoas que têm essa capacidade tendem a ter mais alta produtividade e eficácia em qualquer atividade que se empreendam.

Reconhecer emoções nos outros: A empatia, outra capacidade que se desenvolve na autoconsciência emocional, é a aptidão pessoal fundamental. As pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sinais sociais que indicam de que os outros precisam ou o que querem. Isso as torna melhores em vocações como as profissões assistenciais, ensino, vendas, e administração.

Lidar com relacionamentos: A arte dos relacionamentos é, em grande parte, a aptidão de lidar com as emoções dos outros. São as aptidões que reforçam a popularidade, a liderança e a eficiência interpessoal. As pessoas excelentes nessas aptidões se dão bem em qualquer coisa que dependa de interagir tranquilamente com os outros; são estrelas sociais.

Claro que as pessoas diferem em suas aptidões em cada um desses campos; alguns de nós podemos ser bastante hábeis no lidar, digamos, com nossa ansiedade, mas relativamente ineptos no confortar os aborrecimentos de outra pessoa. A base por baixo de nosso nível de aptidão é sem dúvida neural, mas, como veremos, o cérebro é admiravelmente flexível, em constante aprendizado. Os lapsos nas aptidões emocionais podem ser remediados: em grande parte, cada um desse campo representa um corpo de hábitos e respostas que, com o esforço certo, se pode melhorar.

3.5. EMPATIA

Empatia vem do Grego *empátheia*, que significa “*entrar no sentimento* “. Para Daniel Goleman, empatia exige bastante calma e receptividade para que os sutis canais de sentimento de uma pessoa sejam recebidos e emitidos pelo cérebro emocional da outra pessoa. Ela é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas própria emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio. Pois todo relacionamento, que é a raiz do envolvimento, vem de uma sintonia emocional, da capacidade da empatia.

Essa capacidade de saber como o outro se sente entrar em jogo em vários aspectos da vida, quer nas práticas comerciais, na administração, no namoro e na paternidade, no sermos piedosos e na ação política.

CAPÍTULO IV . INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E TIPOLOGIAS DE PERSONALIDADE

4.1. AS CORRELAÇÕES ENTRE INTELIGÊNCIA E PERSONALIDADE

A perspectiva da teoria das inteligências múltiplas não defende dissociação entre os aspectos cognitivos e os demais traços de personalidade. Compreende sim que, o mapeamento do estilo de inteligência poderá trazer a luz compreensões mais amplas sobre as pessoas. O próprio Gardner (1996) afirma que,

“ a perspectiva biopsicológica examina o agente e suas capacidades, inclinações, valores e objetivos. É incluída uma consideração dos substratos genéticos e neurológicos do comportamento, assim como a análise do indivíduo em termos de poderes cognitivos, traços e disposição temperamental “

(p. 50)

Se personalidade envolve também a inteligência, e se temperamento engloba a nossa parte geneticamente herdada, como poderíamos nos lançar na compreensão das inteligências múltiplas desconsiderando as prováveis correlações entre ambos ? Claro que o mapeamento entre características temperamentais e inteligências ainda é um objeto de estudo promissor, visto as correlações serem ainda pouco demonstradas cientificamente.

Do ponto de vista teórico, Walter Trinca (1984) nos leva a esta visão, quando aborda pressupostos gerais em avaliação psicológica. Ele defende que,

“ A avaliação psicológica é uma operação que atinge o paciente em sua totalidade. Isto difere de uma avaliação em que certos aspectos da personalidade são considerados independentemente de outros... Na avaliação psicológica compreensiva, realizamos um balanceamento geral das forças que nos compete examinar “ (p. 18).

Na visão mais atualizada, vários autores, notadamente os denominados caracterólogos salientam a associação entre estilos de inteligência e tipos de personalidade. Além disso, vale ressaltar que existem diversas teorias sobre caracterologia e muitas sugerem esta tese, embora haja ainda necessidade de estudos mais abrangentes nesta área. Gaillat (1976) salienta os estudos dos caracterólogos G. Heymans e E.D. Wiersma, continuados por Lê Senne, o qual desenvolveu a teoria franco-holandesa, e trabalhou na descrição aprofundada de oito tipos de personalidade incluindo o aspecto inteligência em suas manifestações específicas.

Os estudos de Gaston Berger classificam a inteligência entre paixão e não paixão intelectual, referindo-se à curiosidade do indivíduo em descobrir, compreender, investigar o que se apresenta, e Robert Maistriaux, em inteligência particularizante (focada em detalhes e nos fatos) e generalizante (centrada na subjetividade e problemas gerais), segundo (Gaillat, 1976).

Estas tipologias são oriundas de pesquisas biopsicológicas, cujo precursor foi o médico Hipócrates e sua classificação clássica em sanguíneo, bilioso, fleumático e melancólico. Esta classificação considera que o temperamento é caracterizado pela maior quantidade de um tipo de humor em todo o corpo, e sua primeira concepção considera as pessoas enquanto tipos puros, o que foi amplamente questionado, principalmente, a partir do século XIX.

Vale a pena salientar que, segundo Zacharias (1995), as teorias modernas de tipologia de personalidade podem ser compreendidas em três categorias: classificação dos tipos somáticos, dos tipos somato-psíquicos e dos tipos psíquicos. Dentro desta classificação, teve notável repercussão no âmbito da Psicologia a tipologia elaborada pelo psiquiatra Carl Jung, discípulo de Freud.

Esta teoria contribuiu significativamente, visto que “ *ao longo de dez anos, Jung procedeu a um detalhado estudo dos tipos abordados na literatura, na mitologia, na estética, na filosofia e na psicopatologia. A grande contribuição da tipologia junguiana é a introdução do conceito de energia psíquica e a atenção ao modo como cada pessoa se orienta preferencialmente no mundo* “ (Zacharias, 1995, p. 72). Assim sendo, elaborou Jung tipos psicológicos em que quatro funções da consciência (pensamento, sentimento, intuição e sensação) são compreendidas e classificadas enquanto função principal e auxiliar. Estas teriam um papel predominante na psicodinâmica da personalidade, cabendo à função inferior, uma dominância inconsciente e complementar.

Além das denominadas funções, Jung esclarece que podemos ter duas orientações básicas: introversivos ou extroversivos. A diferença de perfil psicológico, quanto a este aspecto, reside no fato de que o introversivo é aquele indivíduo autocentrado, analítico, reflexivo e criterioso, enquanto o extroversivo, é decidido, generalista, expansivo e adaptável. Sob o ponto de vista da inteligência humana, embora Jung não tenha se detido especialmente a este aspecto em sua tipologia, encontramos elementos importantes para a compreensão de estilos pessoais e suas formas de atuação. A classificação entre introversivos e extroversivos nos traz à tona a visualização de inteligências mais reflexivas ou abrangentes, analíticas ou vivenciais.

CAPÍTULO V . O PROCESSO DE AVALIAÇÃO E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

5.1. A IMPORTANCIA DA AVALIAÇÃO

Dentro da concepção da teoria das inteligências múltiplas, onde cada pessoa é considerada em sua especificidade, pois os processos educativos e de intervenção, assim como os que norteiam as escolhas lúdicas e profissionais, partem da compreensão do perfil ou estilo de inteligência, é fundamental a função de avaliação e identificação das competências pessoais. Gardner (1995) argumenta que,

“ Uma vez que as inteligências se manifestam de maneiras diferentes em níveis de desenvolvimento diferentes, tanto a avaliação quanto a estimulação precisam ocorrer de maneira adequada “ (p. 32).

A compreensão por parte do avaliador e da própria pessoa acerca de suas habilidades poderão evitar problemas das mais diversas naturezas, pois ao comparar prováveis dificuldades e potencialidades, ele poderá fazer sugestões sobre a qualidade e estratégias adequadas a futura aprendizagem.

Gardner (1995) propõe um programa pedagógico em que o entendimento exato sobre o perfil das inteligências de cada aluno é conhecimento básico para uma educação centrada na pessoa e em suas necessidades específicas. Pois, cada habilidade necessita de alternativas perfeitamente adequadas à sua natureza e de provas, atividades e recursos compatíveis ao seu desenvolvimento. Os resultados obtidos pela avaliação da inteligência devem gerar informações e sugestões aos pais, às crianças e à

própria escola sobre as estratégias adequadas para compensar seu perfil específico de dificuldades ou combinar suas habilidades de uma maneira satisfatória ao seu desenvolvimento, assim como na escolha de passatempos e profissões.

5.2. OS PARADIGMAS DA AVALIAÇÃO EM DIFERENTES MÉTODOS: TRADICIONAL E CLÍNICO-PIAGETIANO

O método tradicional de avaliação da inteligência ou psicométrico é aquele que considera a inteligência como aquilo que o teste mede. Baseado no conceito de quociente geral da inteligência ou fator g, este método envolve a aplicação de testes com perguntas de caráter objetivo, envolvendo caneta e papel, nos quais o raciocínio lógico e lingüístico é privilegiado. Os resultados obtidos pelo avaliado indicariam o nível cognitivo de uma inteligência concebida como inata e individual. Como nos apresenta (Antunes, 1997),

“ no início do século XX, em Paris, quando um psicólogo chamado Alfred Binet elaborou um teste que, medindo a inteligência, pudesse prever quais crianças iriam ter sucesso ou fracassariam nas primeiras séries das escolas parisienses. Esse teste, que passou a ser conhecido como teste de inteligência, mediu o QI (quociente de inteligência)...” (p. 18)

Este método é atualmente bastante criticado, em virtude da evolução do próprio conceito de inteligência. Como salienta Gardner (1995) as provas desta natureza desenvolveram uma visão unilateral das habilidades humanas. Sua forma não abrange as diversas competências envolvidas. O denominado teste de QI somente apresenta dados parciais sobre a inteligência do avaliado,

ou seja, a visão de Binet valorizava em termos avaliativos as competências lógico-matemática e a lingüística ou verbal, esquecendo-se de que há outras.

Uma abordagem diferenciada de avaliação da inteligência surge com os estudos de Piaget e seu denominado método clínico. Já que sua abordagem teórica enfatizava o entendimento sobre o funcionamento das estruturas cognitivas, e seu comportamento dinâmico ou desenvolvimentista, o papel da avaliação está centrado na compreensão de como a pessoa pensa e resolve problemas.

Ao contrário do método psicométrico, a metodologia de Piaget não se restringe a aplicação de provas fatoriais. Carraher (1994) demonstra que além de entrevistas e outras técnicas puramente verbais, é freqüente no método clínico-piagetiano a confrontação do avaliado com problemas concretos e na sua forma de resolve-los, ou seja, a ênfase recai sobre a estrutura do raciocínio ou no processo pelo qual o sujeito chega a sua resposta. O método clínico envolve uma certa flexibilidade por parte do avaliador que deve planejar o processo avaliativo em torno de um tema central de investigação.

O planejamento do processo avaliativo deve levar em consideração a problemática apresentada pela criança e as prováveis hipóteses diagnósticas envolvidas. Como nos esclarece Carraher (1994),

“ A escolha prévia das situações a serem apresentadas à criança possibilita ao examinador a formulação de objetivos claros para seu trabalho, o que deve orientá-lo para que ele não se perca durante o exame e saiba usar a flexibilidade do método clínico sem gastar tempo desnecessariamente com questões sem interesse ou irrelevantes “ (p. 27).

O método piagetiano é mais abrangente que o tradicional, mas ainda é limitado pois também se deteve no chamado paradigma unilateral da inteligência, conforme nos adverte Gardner (1995). Focado apenas nos aspectos da cognição, Piaget negligencia outras habilidades inteligentes e dá pouca atenção às questões emocionais diretamente envolvidas com as potencialidades humanas. Sua concepção, portanto, detém-se à avaliação das capacidades intelectuais cognitivas, especialmente do raciocínio lógico.

5.3. COMO AVALIAR HABILIDADES MÚLTIPLAS

Gardner (1995) propõe um modelo mais aberto de avaliação da inteligência, em virtude de suas idéias acerca da multiplicidade das competências pessoais e de sua visão não estática destes atributos. Ao delinear formas de avaliação da inteligência na teoria das inteligências múltiplas é importante considerar que,

“ A inteligência é um potencial biopsicológico. O fato de um indivíduo ser ou não considerado inteligente e em que aspectos é um produto, em primeiro lugar, de sua herança genética e de suas propriedades psicológicas. Variando de seus poderes cognitivos às suas disposições De personalidade “ (Gardner, 1995, p. 50).

Embora não desconsidere a existência de um fator geral de personalidade, o autor enfatiza sua parcialidade, assim como as limitações dos chamados testes padronizados ou de respostas objetivas, visto sua incapacidade para identificar outras habilidades pessoais inteligentes abordadas pela sua teoria. Suas ponderações aos estudos e instrumentos utilizados por Thrustone recai sobre o conceito de inteligência, ainda concebida

como relativamente fixa, e pela administração de atividades avaliativas que envolveriam somente a utilização de papel e lápis, as quais privilegiam somente alguns aspectos da cognição.

A teoria das inteligências múltiplas é uma resultante de estudos aprofundados de áreas interdisciplinares, como a neurologia, psicometria, antropologia, psicologia do desenvolvimento e assim por diante.

Esta visão mais ampla e dinâmica, além de múltipla, propõe uma avaliação onde o indivíduo seria submetido a atividades diversificadas, englobando entrevistas, equipamentos e materiais, que apresentariam possibilidades de resolução de problemas em diferentes estilos de compreensão e atuação.

Antunes (1997) nos faz ponderar este conceito dinâmico das inteligências múltiplas, chamando a atenção para o fato de que todos possuímos várias habilidades, embora tenhamos algumas ou mesmo alguma que se destaque e que o resultado de qualquer avaliação poderá ser alterado no futuro mediante a intervenção ou treinamento aplicado. Assim,

“ A inteligência verbal, ainda que tenha poderosa carga que depende da herança genética, também pode crescer com esforço buscando a ampliação do vocabulário, muita leitura, concentração nas mensagens que envia e nos recados que recebe e ainda muitas outras estratégias “ (p. 54).

Portanto, a teoria das inteligências múltiplas valoriza a inteligência como aspecto em desenvolvimento e que deverá apresentar resultantes

diferentes em momentos posteriores da vida do indivíduo, trazendo uma perspectiva também dinâmica da própria avaliação. Não somente os pontos altos ou habilidades promissoras são alvos do avaliador, mas também as inteligências que representam atuais dificuldades para o indivíduo e que são valorizadas em sua cultura, pois é seu papel sugerir atividades evolutivas do perfil e do potencial.

O mapeamento de habilidades múltiplas visa identificar tanto pontos promissores quanto dificuldades, por compreender sua interação no processo evolutivo do potencial do indivíduo. A avaliação toma, assim, um caráter mais complexo e, também, detalhista, específico, mas não estático ou reducionista.

O que estaria sendo focalizado pelos diferentes meios de avaliação é a identificação das capacidades que o indivíduo se utiliza para resolver problemas ou elaborar produtos. A avaliação de uma determinada habilidade ou inteligência dependeria da apresentação de problemas específicos que podem ser resolvidos nos materiais daquela inteligência.

A relevância do indivíduo ser inserido, mesmo durante o processo avaliativo, a situações onde a escolha ou as afinidades possam emergir é apresentada por Gardner (1995), ao refletir que

“ é igualmente importante determinar qual inteligência é favorecida quando o indivíduo pode escolher. Uma técnica para chegar a esta inclinação é expor a pessoa a uma situação suficientemente complexa, capaz de estimular várias inteligências, ou oferecer um conjunto de materiais de várias inteligências e verificar qual deles o indivíduo escolhe e quão profundamente o explora “ (p.34).

Esta concepção não é reducionista, no sentido de que não importa somente saber quantos escores o indivíduo acertou numa prova cognitiva, ou qual é o seu quociente geral intelectual. A proposta é de identificação de um perfil de inteligência, ou estilo de aprendizagem, que não se explora somente por meios fatoriais ou objetivos, antes considera a personalidade e sua complexidade em se expressar como tipos múltiplos de inteligência. Cada pessoa, portanto, possui o seu perfil.

A investigação de quais atividades e passatempos ou as formas de envolvimento da pessoa com estas atividades, considerando a região e cultura da qual faz parte, deve cooperar para um entendimento do perfil de inteligência da pessoa avaliada.

É importante, contudo, considerar que o próprio Gardner reconhece o estágio ainda recente e pouco desenvolvido das metodologias de investigação das inteligências múltiplas em sua teoria e da necessidade de uma testagem científica e criteriosa, onde possamos desvendar melhor as correlações ou independências que as nossas habilidades possuem e como se desenvolvem.

5.4. A AVALIAÇÃO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O ASPECTO OCUPACIONAL

Neste aspecto destacam-se os estudos de Daniel Goleman, o qual demonstrou que no atual contexto sócio-histórico, todos temos necessidade de utilizarmos diferentes habilidades para desempenharmos bem o papel profissional. O próprio Gardner (1995), salienta que a avaliação das inteligências poderá trazer notável clareza sobre as escolhas tanto profissionais quanto pessoais, ou seja,

“ está claro que muitos talentos, se não inteligências, são ignorados hoje em dia; os indivíduos com estes talentos são as principais vítimas de uma abordagem da mente de visão única, limitada. Existem inúmeras posições não preenchidas ou mal preenchidas em nossa sociedade, e seria oportuno orientar os indivíduos com o conjunto certo de capacidades para essas colocações “ (p. 35).

A identificação e a orientação de cada pessoa no que diz respeito ao seu perfil específico de inteligência poderia nortear melhor não somente os caminhos alternativos de aprendizagem e desenvolvimento, mas até as intervenções sobre as dificuldades específicas atuais, que de uma forma dinâmica, podem ser melhor trabalhadas e atenuadas em suas deficiências.

Antunes (1997), nos exemplifica os estudos de Goleman sobre as competências profissionais, o qual salienta que,

“ Em verdade, toda pessoa nasce com, pelo menos, nove inteligências, mas acaba entrando em uma escola que cobra apenas duas, ficando como que emparedado por esses valores “ (p. 20).

A mais notável contribuição desta teoria no aspecto da avaliação e sua importância na escolha e desempenho profissional é a ampliação da nossa visão sobre as habilidades e a ênfase, antes esquecida, num conjunto importante de inteligências com alto valor na atual sociedade contemporânea : as chamadas inteligências emocionais.

CONCLUSÃO

Neste estudo, verificamos a evolução conceitual que o tema inteligência humana desenvolveu no âmbito da Psicologia, tendo sido apresentados os pressupostos dos principais pensadores da área, notadamente Piaget, Wallon, Vygotsky e Gardner.

Verificamos que a natureza da inteligência tem sido melhor compreendida e que a interação entre áreas interdisciplinares contribuiu significativamente neste processo. A teoria de Piaget, por exemplo, introduz de maneira mais marcante a visão do desenvolvimento cognitivo através de processos ou estágios, além de considerar melhor a interação entre os fatores biológico e ambiental.

Identificamos que Wallon acrescenta à visão processual a importância das crises e da afetividade na construção das estruturas cognitivas, considerando que as relações humanas são elementos cruciais para a formação da inteligência.

Mas, o prosseguimento dos estudos, seja na Neurologia, com a visão da plasticidade cerebral – onde nosso cérebro é apresentado enquanto estrutura biológica dinâmica – seja na sociologia, onde a visão das influências sócio-históricas tão amplamente enfatizadas por autores como Vygotsky, levam-nos a verificar a tendência da Psicologia em considerar a natureza da inteligência como potencial biopsicológico, ou seja, mutável, processual, relacional, e passível de desenvolvimento mediante formas adequadas de treino ou intervenção.

Este estudo teórico, não ignorou as descobertas que a caracterologia tem feito ao longo dos últimos anos na área das tipologias de personalidade, já

que descrevemos autores que encontraram significativa relação entre estilos de caráter e tipos de inteligência. Nossa maior concentração foi no advento da teoria das inteligências múltiplas, e nos estudos de seu precursor Howard Gardner e os pesquisadores de Harvard, visto ser esta a concepção mais atualizada de inteligência em Psicologia.

Os desdobramentos desta nova concepção foram apresentados através das idéias de outros autores, como Daniel Goleman, Augusto Cury e Celso Antunes, que nos apresentam as emoções como habilidades que podem ser aprendidas e compreendidas também como tipo de inteligência.

“ As emoções são inteligentes “ ou “ inteligência emocional “ são termos amplamente utilizados e já aceitos no âmbito científico, educacional e empresarial, trazendo importantes mudanças para o papel do Psicólogo enquanto clínico e avaliador da inteligência humana.

O tempo atual, como enfatizamos no decorrer desta pesquisa teórica, requer estudos mais profundos e consistentes, tendo em vista a consolidação destes novos conceitos e a testagem das novas estratégias e técnicas de avaliação psicológica.

Na verdade, concluímos que estamos em plena evolução da nossa compreensão sobre a inteligência humana, seja pelos avanços que a tecnologia tem permitido às ciências biológicas (como a medicina), seja pela cada vez mais estreita interdisciplinaridade entre estas e as chamadas ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, CELSO.** A inteligência emocional na construção do novo eu. Petrópolis, Vozes, 1997.
- BUTCHER, H. J.** A Inteligência humana: natureza e avaliação. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- COOPER, ROBERT K.** Inteligência emocional na empresa. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CURY, AUGUSTO.** Treinando a emoção para ser feliz. São Paulo, Academia de Inteligência, 2001.
- CURY, AUGUSTO.** Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro, Sextante, 2003.
- EVANS, RICHARD I.** Jean Piaget : o homem e suas idéias. Rio de Janeiro, Forense-universitária, 1980.
- FLAVELL, JOHN H.** Desenvolvimento cognitivo. Porto Alegre, Artmed, 1999.
- GALVÃO, IZABEL.** Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil. Petrópolis, Vozes, 2000.
- GARDNER, HOWARD.** Inteligências múltiplas – A teoria na prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- GAILLAT, ROGER.** Chaves da caracterologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOLEMAN, DANIEL. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

KESSELRING, THOMAS. Jean Piaget. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIMA, L. OLIVEIRA. Piaget para principiantes. São Paulo: Summus, 1980.

TRINCA, WALTER. Diagnóstico psicológico: prática clínica. São Paulo: EPU, 1984.

ZACHARIAS, JOSÉ JORGE M. Tipos psicológicos Junguianos e escolha profissional. São Paulo: Vetor, 1995.

DEDICATÓRIA

A Deus, a quem dedico não somente este trabalho, mas toda minha vida, e gratidão, pela revelação da pessoa de JESUS CRISTO, sem o qual, segundo está escrito nas sagradas escrituras, “ todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele, nada do que foi feito se fez “ (Evangelho de João, capítulo 1).

